

Casa Grande e Senzala na Maurîtânia

The Economist

Ela disse que era uma escrava. Mohamed Ould Moissa disse que Aichana Mint Abeid Boilil era sua mulher.

Aichana processou Mohamed para recuperar seus cinco filhos. Ele alegou ser o pai das crianças e queria a custódia delas. Ela disse que nunca mantivera relações sexuais com ele, muito menos ter se casado com ele; ela classificou a alegação de Mohamed de desculpa para manter os filhos dela como escravos. O tribunal ficou do lado dela, e a família foi reunida, exceto uma filha, "dada" por Mohamed a um dos parentes.

A escravidão foi proibida por lei na Maurîtânia em 1980, mas a medida não erradicou a prática secular. No passado, caravanas de camelos mouras costumavam atacar aldeias no sul, levando todos em que conseguissem pôr as mãos. Os escravizados tinham de cuidar dos rebanhos dos seus amos, realizar os afazeres domésticos e arar as terras da família. A desobediência ou

qualquer tentativa de fuga eram brutalmente punidas. As mulheres eram escravas sexuais de seus donos e seus filhos geralmente tornavam-se escravos ao crescer.

Escravos libertos ou descendentes de escravos são conhecidos como "haratin"; eles constituem cerca de 40% da população de dois milhões de habitantes da Maurîtânia. Algumas pessoas sustentam que muitos ainda vivem em servidão. "Nada foi feito para alterar a situação que obrigou o governo a banir a escravidão há 16 anos", afirma Boubacar Ould Messoud, presidente da SOS Escravo, uma organização criada para ajudar os escravos. "Ainda existem escravos suando para alimentar seus amos". Certamente existem muitos milhares que trabalham sem serem pagos em dinheiro.

A escravidão é reforçada pela raça. Tradicionalmente, os Bidan de tez mais clara, do norte, escravizaram os agricultores "africanos negros" do sul. Mas a cor da pele não é uma indicação exata de status. Alguns Bidan têm pele de cor escura, e

alguns grupos negros, especialmente os Soninké e Hálpulaar (Fulani), também praticam a escravidão, embora menos abertamente.

Oito anos depois da suposta abolição da escravatura, Fatma Mint Souleymane escapou das surras constantes aplicadas por seu amo. Só quando chegou à capital, Nouakchott, soube que não pertencia a outra pessoa. "Eu estava sempre trabalhando. Eu não tinha como escutar rádio ou tempo para conversar com outros escravos. Como podia saber da nova lei?", pergunta ela. Outros ouviram falar da abolição, mas não conhecem nenhum outro modo de vida a não ser a escravidão. Aceitam sua condição como "vontade de Deus" ou simplesmente não acreditam que poderiam estar livres.

Ressaltando que a maior parte do poder político e econômico está nas mãos dos "amos", os Bidan, Boubacar Ould Messoud acusa o governo de não tentar realmente acabar com a escravidão, mas apenas fazer barulho para tranquilizar os doadores de ajuda ocidentais. Ele defende a necessidade de uma campanha na-

cional de conscientização para informar a todos de que estão livres e para mudar atitudes tanto dos "escravos", como dos "amos". Ela deve ser baseada em termos religiosos, diz ele, rompendo a doutrinação que há séculos ensinava os escravos que eles iriam para o céu se fossem obedientes, e para o inferno, caso não fossem.

O governo prefere olhar para o outro lado. "A escravatura foi abolida, de modo que posso dizer que, legalmente, ela não existe mais", garante Mohamed Lamine Ould Ahmed, ministro da Energia e um dos poucos "haratin" a alcançar um posto tão elevado. "Existem pessoas que permaneceram com seus ex-amos. Tendo sido libertados, preferiram ficar no ambiente em que cresceram, com as pessoas da mesma tribo – seus amigos e parentes".

Isso pode ser parcialmente verdade. O que os ex-escravos ganharam em liberdade, podem ter perdido em segurança. Tradicionalmente eram considerados parte da família. Apesar de ocorrerem abusos, os proprietários

eram responsáveis por seu bem-estar e forneciam alimentos, vestuários, proteção e assistência médica. A liberdade consegue prover essas coisas? Os ex-escravos mais provavelmente acabam, sem lar nem emprego, nas favelas entre as dunas de areia ao redor de Nouakchott.

Mas os Bidan também estão sofrendo nos dias de hoje. A severa estiagem dos anos 70 e 80 devastou seus rebanhos e muitos fugiram com seus escravos para Nouakchott. Uma vez na cidade, os escravos, libertados porque seus amos não tinham condições de mantê-los e acostumados ao trabalho braçal, freqüentemente se saíam melhor do que seus ex-proprietários, que sabiam pouco mais do que cavalgar camelos. Muitas vezes, ouve-se de um "amo" empobrecido reivindicando a herança de seu escravo morto – um barraco de madeira ou uma tenda, e talvez alguns animais esqueléticos. Alguns ainda aceitam a tese de que se uma pessoa é proprietária do escravo, também tem direito aos bens do escravo. ■